

Miriam Toews

A voz das mulheres

Tradução de Ana Maria Pereirinha



Chamo-me August Epp — o que é irrelevante para todos os efeitos, além do de ter sido nomeado secretário das reuniões de mulheres, porque as mulheres são analfabetas e incapazes de o fazer por elas próprias. E como estas são as atas, e eu o secretário (e como sou professor e ensino os meus alunos diariamente a fazer o mesmo), sinto que o meu nome deve constar no cimo da página, ao pé da data. Ona Friesen, também da Colónia de Molotschna, é a mulher que me perguntou se eu lavraria as atas — embora ela não tenha usado a palavra «atas», mas sim perguntado se eu registaria as reuniões e criaria um documento referente a elas.

Tivemos esta conversa ontem à tarde, parados no caminho de terra entre a casa dela e a cabana onde estou alojado desde que regressei à colónia, há sete meses. (Uma solução temporária, segundo Peters, o bispo de Molotschna. «Temporário» pode significar qualquer período de tempo, porque Peters não está comprometido com um entendimento convencional de horas e dias. Estamos aqui, ou no céu, por uma eternidade, e não precisamos de saber mais nada. As melhores casas da colónia são para famílias, e eu estou sozinho, portanto é possível que fique a viver para sempre na cabana, o que na verdade não me incomoda. É maior do que uma cela de prisão e tem tamanho suficiente para mim e para um cavalo.)

Ona e eu evitámos as sombras enquanto conversávamos. A certa altura, a meio de uma frase, o vento levantou-lhe a saia e eu senti a bainha roçar na minha perna. Íamos dando passos para o lado, para o sol, uma vez e outra, à medida que as sombras se alongavam, até que a luz do Sol desapareceu e Ona se riu e ameaçou o Sol poente com o punho, chamando-lhe traidor, covarde. Eu debati-me com a ideia de lhe explicar os hemisférios, de que temos de partilhar o Sol com outras partes do mundo, que se pudéssemos observar a Terra do espaço conseguiríamos ver até quinze pores do Sol e nasceres do Sol num dia... e que talvez ao partilhar o Sol o mundo pudesse aprender a partilhar tudo, aprender que tudo pertence a todos. Mas limitei-me a assentir. Sim, o Sol é um covarde. Como eu. (Também me mantive em silêncio porque tinha sido essa minha tendência para acreditar com tamanha veemência que todos podíamos partilhar tudo que me levava à prisão havia não muito tempo.) A verdade é que não sou um grande conversador, e no entanto, infelizmente, sofro a cada minuto a agonia do pensamento não expresso.

Ona riu-se de novo, e o seu riso deu-me coragem, e tive vontade de lhe perguntar se para ela eu era uma lembrança física do mal, e se era isso que a colónia me considerava, mau, não porque tivesse estado na prisão, mas por causa do que tinha acontecido havia muito tempo, antes de ter sido encarcerado. Em vez disso, concordei simplesmente em lavrar as atas, claro — não tenho escolha a não ser concordar, porque eu faria qualquer coisa por Ona Friesen.

Perguntei-lhe por que razão queriam as mulheres um registo das suas reuniões, se não iam ser capazes de o ler. Ona, que sofre de *Narfa*, ou nervosismo — tal como eu, vindo o meu nome, Epp, de choupo, o choupo-tremedor,

a árvore com folhas que tremem, a árvore a que às vezes chamam «língua de mulheres» porque as suas folhas estão sempre em movimento —, disse o seguinte em resposta:

Nessa manhã, muito cedo, tinha visto dois animais: um esquilo e um coelho. Ona tinha visto como o esquilo investiu contra o coelho, correndo a toda a brida. No instante em que o esquilo estava prestes a fazer contacto com o coelho, este deu um grande pulo para o ar, de mais de meio metro de altura. O esquilo, confuso, ou assim pensou Ona, virou-se então e investiu sobre o coelho do outro lado, apenas para encontrar o espaço vazio uma vez mais, pois o coelho, no último segundo, deu outro grande pulo, evitando o contacto com o esquilo.

Eu gostei desta história porque era Ona que a estava a contar, mas não entendi exatamente aonde ela queria chegar, ou o que tinha a história a ver com a ata.

Eles estavam a brincar!, disse ela.

A sério?, perguntei.

Ona explicou: Talvez ela não devesse ter visto o esquilo e o coelho a brincarem. Tinha sido de manhã muito cedo, numa altura em que apenas Ona andava a vaguear pela colónia, com o cabelo meio destapado, a bainha do vestido enxovalhada, uma figura suspeita — a filha do diabo, como Peters lhe chamava.

Mas viste?, perguntei-lhe. Viste essa brincadeira secreta?

Vi, disse ela, vi com os meus próprios olhos — que nesse momento, ao contar a história, brilhavam de entusiasmo.

As reuniões foram organizadas à pressa por Agata Friesen e Greta Loewen em resposta aos estranhos ataques que assombravam as mulheres de Molotschna nos últimos

anos. Desde 2005, quase todas as raparigas e mulheres foram violadas por aquilo que muitos na colónia acreditavam ser fantasmas, ou Satanás, supostamente como castigo pelos seus pecados. Os ataques ocorriam à noite. Enquanto as famílias dormiam, as raparigas e as mulheres eram adormecidas com um borrifo do anestésico usado nos nossos animais da quinta, feito da planta da beladona. Na manhã seguinte, elas acordavam doridas, atordoadas e muitas vezes a sangrar, sem perceberem porquê. Há pouco tempo, descobriu-se que os oito demónios responsáveis pelos ataques eram homens de carne e osso, de Molotschna, muitos deles parentes próximos — irmãos, primos, tios, sobrinhos — das mulheres.

Eu reconheci vagamente um dos homens. Ele e eu brincávamos juntos quando éramos crianças. Ele sabia o nome de todos os planetas, ou então inventava-os. Deu-me a alcunha de *Froag*, que na nossa língua significa «pergunta». Lembro-me de que quis dizer-lhe adeus antes de deixar a colónia com os meus pais, mas a minha mãe disse-me que ele estava a ter dificuldades com os molares dos doze anos e tinha contraído uma infeção e estava confinado ao quarto. Agora não tenho a certeza se isso era verdade. De qualquer forma, nem este rapaz nem ninguém da colónia se despediu de nós, quando partimos.

Os outros culpados são muito mais novos do que eu e ou não tinham nascido, ou eram bebés e crianças quando eu saí com os meus pais, e por isso não tenho nenhuma lembrança deles.

Molotschna, como todas as nossas colónias, tem uma polícia própria. A princípio, Peters planeava prender os homens numa cabana (semelhante àquela em que eu vivo) durante várias décadas, mas cedo se tornou evidente que

a vida dos homens estava em perigo. A irmã mais nova de Ona, Salome, atacou um dos homens com uma foice, e outro foi pendurado pelas mãos por um grupo de colonos bêbedos e furiosos, parentes masculinos das vítimas, num ramo de uma árvore. Morreu lá, aparentemente esquecido, quando os homens bêbedos e furiosos ficaram inconscientes no campo de sorgo perto da árvore. Depois disso, Peters, em conjunto com os anciãos, decidiu chamar a polícia e mandar prender e levar os homens para a cidade, supostamente para sua própria segurança.

Os restantes homens da colónia (à exceção dos senis, dos decrepitos, e de mim, por razões humilhantes) foram todos à cidade com o fim de pagar uma fiança pelos atacantes presos, na esperança de eles poderem regressar a Molotschna enquanto aguardam julgamento. Quando os perpetradores regressarem, será dada oportunidade às mulheres de Molotschna para perdoarem a esses homens, garantindo assim o lugar de todos no céu. Se as mulheres não perdoarem aos homens, diz Peters, elas terão de abandonar a colónia e ir para o mundo exterior, do qual não conhecem nada. As mulheres têm muito pouco tempo, apenas dois dias, para organizarem a sua resposta.

Ontem, como me foi dito por Ona, as mulheres de Molotschna votaram. Havia três opções no boletim.

1. Não Fazer Nada.
2. Ficar e Lutar.
3. Partir.

Cada opção era acompanhada por uma ilustração do seu significado, porque as mulheres não sabem ler. (Nota: Não é minha intenção apontar constantemente o facto

de as mulheres não saberem ler — apenas quando é necessário para explicar certas ações.)

Neitje Friesen, de dezasseis anos, filha da falecida Mina Friesen e agora sob tutela permanente da sua tia Salome Friesen (o pai de Neitje, Balthasar, foi enviado há alguns anos por Peters para um remoto canto no sudoeste do país, a fim de comprar doze potros, e ainda não voltou), desenhou as ilustrações:

«Não Fazer Nada» foi acompanhada por um horizonte vazio. (Embora eu pense, mas não tenha dito, que isso poderia ser igualmente usado para ilustrar a opção «Partir».)

«Ficar e Lutar» foi acompanhada por um desenho de dois membros da colónia envolvidos num duelo com facas sangrentas. (Considerado muito violento pelas outras, mas o seu significado é claro.)

E a opção «Partir» foi acompanhada por um desenho de um cavalo visto de trás. (Mais uma vez pensei, mas não o disse, que isto sugere que as mulheres estão a ver *outros* partir.)

A votação resultou num impasse entre os números dois e três, duelo de facas sangrentas e o cavalo visto de trás. As mulheres Friesen, principalmente, querem ficar e lutar. As Loewens preferem partir, embora haja indícios de mudanças de opinião em ambos os campos.

Há também algumas mulheres em Molotschna que votaram em não fazer nada, deixar as coisas nas mãos do Senhor, mas essas não estarão hoje presentes. A mais eloquente das mulheres do Não Fazer Nada é Janz da Cara Cortada, membro fiel da colónia, a endireita oficial, também conhecida por ter um excelente olho para medir distâncias. Uma vez explicou-me que, enquanto natural

de Molotschna, tinha tudo o que queria: bastava-lhe convencer-se de que queria muito pouco.

Ona informou-me que Salome Friesen, uma temível iconoclasta, tinha assinalado na reunião de ontem que «Não Fazer Nada» não era, na realidade, uma opção, mas que permitir que as mulheres *votassem* em «Não Fazer Nada» lhes daria, pelo menos, algum poder de decisão. Mejal (que significa «menina» em *plautdietsch*) Loewen, uma simpática fumadora compulsiva que tem duas pontas de dedos amarelas e aquilo que eu suspeito deva ser uma vida secreta, concordara. Mas, contou-me Ona, Mejal também fez notar que ninguém tinha concedido a Salome Friesen a autoridade para poder declarar o que constitui a realidade ou quais são as opções. Ao que parece, as restantes mulheres Loewen haviam concordado com isto com um gesto de cabeça, enquanto as mulheres Friesen expressaram impaciência com gestos rápidos e desdenhosos. Este tipo de conflito menor ilustra bem o timbre do debate entre os dois grupos, as Friesens e as Loewens.

No entanto, porque o tempo é curto e urge tomar uma decisão, as mulheres de Molotschna decidiram por consenso permitir que estas duas famílias debatam os prós e os contras de cada opção — excluindo a opção «Não Fazer Nada», que a maioria das mulheres na colónia descarta como *dummheit* — e decidam o que é mais conveniente para, a partir daí, se escolher a melhor forma de pôr em prática essa opção.

Uma nota de tradução: As mulheres falam em *plautdietsch*, ou baixo-alemão, a única língua que conhecem e a língua que é falada por todos os membros da Colónia de Molotschna — embora os rapazes de Molotschna aprendam agora um inglês rudimentar na escola, e os homens

também falem um pouco de espanhol. O *plautdietsch* é uma língua medieval sem escrita, moribunda, constituída por uma mistura de alemão, holandês, pomerano e frísio. Restam muito poucos falantes de *plautdietsch* no mundo, e são todos menonitas. Menciono isto para explicar que, antes de lavrar as atas das reuniões, tenho de traduzir para inglês (rápida e mentalmente) o que as mulheres estão a dizer, de forma a poder anotá-lo.

E mais uma nota, também irrelevante para o debate das mulheres, mas necessária para explicar neste documento a razão pela qual sou capaz de ler, escrever e entender o inglês: aprendi-o em Inglaterra, onde os meus pais foram morar depois de terem sido excomungados pelo bispo de Molotschna, que à época era Peters Senior, pai de Peters, o atual bispo de Molotschna.

Em Inglaterra, durante o quarto ano da universidade, sofri um colapso nervoso (*Narfa*) e vi-me envolvido em certas atividades políticas que acabaram por me valer a expulsão e a prisão durante algum tempo. Enquanto estava preso, a minha mãe morreu. O meu pai desaparecera anos antes. Não tenho irmãos porque o útero da minha mãe teve de ser removido após o meu nascimento. Em suma, eu não tinha nada nem ninguém em Inglaterra, embora tivesse conseguido, durante o tempo na prisão, completar o curso de Magistério por correspondência. Vendo-me em apuros, sem casa e meio louco — ou totalmente louco —, tomei a decisão de me suicidar.

Enquanto investigava as várias opções possíveis na biblioteca pública mais próxima do parque de que fiz minha casa, adormeci. Estive a dormir durante imenso tempo e acabei por ser gentilmente despertado pela bibliotecária, que me disse que tinha de sair porque a biblioteca

ia fechar. Então a bibliotecária, uma senhora com uma certa idade, notou que eu tinha estado a chorar e que tinha um ar desalinhado e consternado. Perguntou-me o que tinha. Eu contei-lhe a verdade: não queria viver mais. Ela ofereceu-se para me pagar o jantar e, enquanto estávamos a jantar no restaurantezinho que ficava em frente à biblioteca, perguntou-me de onde eu era, de que parte do mundo.

Respondi-lhe que era de uma parte do mundo que tinha sido fundada para ser o seu próprio mundo, à parte do resto. De certa forma, disse-lhe eu, o meu povo (lembro-me de pronunciar as palavras «o meu povo» com ironia, e de me sentir imediatamente envergonhado e pedir perdão cá para dentro) não existe, ou pelo menos é essa a ideia que quer transmitir, que não existe.

E talvez não seja preciso muito para tu acreditares que *na verdade* não existes, disse ela. Ou que a tua própria existência corpórea é uma perversidade.

Não tive a certeza do que ela queria dizer com aquilo e cocei a cabeça furiosamente, como um cão com carraças.

E depois disso?, perguntou ela.

Estive uns tempos na universidade, e depois na prisão, respondi-lhe.

Ah, disse ela, talvez os dois sítios não se excluam mutuamente.

Sorri com um ar parvo. A minha incursão no mundo resultou na minha retirada do mundo, disse-lhe.

Quase como se tivesses sido trazido à existência para não existires, disse ela, rindo.

Escolhido para me conformar. Sim, concordei, tentando rir com ela. Nascido para não ser.

Imaginei o meu pequeno ser aos gritos, a ser retirado do ventre da minha mãe e depois o próprio útero a ser-lhe

arrancado à pressa e atirado pela janela, para evitar quaisquer outras abominações — este nascimento, este rapaz, a nudez dele, a vergonha dela, a vergonha dele, a vergonha de ambos.

Disse à bibliotecária que era difícil explicar de onde era.

*Conheci um viajante de uma terra antiga*¹, disse ela, evidentemente citando um poeta que conhecia e amava.

Mais uma vez não tive a certeza do que ela queria dizer, mas assenti. Expliquei-lhe que as minhas origens eram menonitas, da Colónia de Molotschna, e que quando tinha doze anos os meus pais foram excomungados e nos mudámos para Inglaterra. Ninguém se despediu de nós, contei-lhe (viverei para sempre com a vergonha de ter dito uma coisa tão lamentável). Durante anos, acreditei que havíamos sido forçados a deixar Molotschna porque eu tinha sido apanhado a roubar peras numa quinta da colónia vizinha de Chortiza. Em Inglaterra, onde aprendi a ler e a escrever, desenhei o meu nome com pedras num grande campo verde, para que Deus me encontrasse rapidamente e o meu castigo fosse completo. Também tentei desenhar a palavra «confissão» com pedras do muro do nosso jardim, mas a minha mãe, Monica, notara que o muro entre o nosso jardim e o dos vizinhos estava a desaparecer. Um dia, seguiu-me até ao meu campo verde, seguindo a pista do sulco estreito que a roda do carrinho de mão traçara na terra, e apanhou-me em flagrante, a tentar entregar-me a Deus usando as pedras do muro para assinalar a minha localização com letras enormes. Fez-me sentar no chão em frente dela, envolveu-me nos seus braços e não disse nada. Ao fim de um pouco, disse-me que tinha de devolver

¹ Primeiro verso do poema «Ozymandias», de Percy Bysshe Shelley. (*N. da T.*)

as pedras ao muro. Perguntei se as poderia devolver só depois de Deus me encontrar e me castigar. Estava tão exausto de esperar o castigo que queria resolver o assunto de uma vez. Ela perguntou-me porque achava eu que Deus me queria castigar, e eu contei-lhe das peras, e dos meus pensamentos em relação às raparigas, e dos meus desenhos, e do meu desejo de vencer nos desportos e ser o mais forte. Contei-lhe como era vaidoso, competitivo e lascivo. Então a minha mãe riu-se, voltou a abraçar-me e pediu desculpa por se rir. Disse-me que eu era um rapaz normal, era um filho de Deus — de um Deus que nos amava, apesar do que pudessem dizer dele —, mas que os vizinhos estavam perturbados com o desaparecimento do muro e eu ia ter de devolver as pedras.

Contei tudo isto à bibliotecária.

Ela respondeu que percebia a razão pela qual a minha mãe tinha dito o que disse, mas que se fosse ela a estar lá, se ela tivesse sido minha mãe, me teria dito outra coisa. Ter-me-ia dito que eu *não era* normal — que eu era inocente, sim, mas tinha uma necessidade invulgarmente profunda de ser perdoado, ainda que não tivesse feito nada de mal. A maior parte de nós, disse ela, absolve-se da responsabilidade pela mudança romantizando o próprio passado. E então vivemos em liberdade e com alegria, se não inteiramente felizes, pelo menos sem uma tremenda angústia. A bibliotecária riu-se. Disse que, se tivesse estado naquele campo verde comigo, me teria ajudado a ter a sensação de ser de alguma forma perdoado.

Mas perdoado pelo quê, exatamente?, perguntei-lhe. Por roubar peras, por desenhar raparigas nuas?

Não, não, disse a bibliotecária, perdoado por estares vivo, por estares no mundo. Pela arrogância e pela

futilidade de permaneceres vivo, o ridículo, a repugnância, e a irrazoabilidade disso. É esse o teu sentimento, acrescentou, a tua lógica interna. Acabaste de mo explicar.

Depois continuou dizendo-me que, em sua opinião, a dúvida, a incerteza e o questionamento estão inextricavelmente ligados à fé. Uma existência intensa, disse ela, uma maneira de estar no mundo, não te parece?

Eu sorri. Cocei-me. O mundo, repeti.

De que te lembras tu em Molotschna?

Da Ona, respondi. Da Ona Friesen.

E comecei a falar-lhe da Ona Friesen, uma rapariga da minha idade, a mesma mulher que agora me pediu para lavar a ata da reunião.

Depois de uma longa conversa com a bibliotecária, durante a qual falei principalmente, embora não exclusivamente, sobre a Ona — como tínhamos brincado, como tínhamos medido as estações pelo ínfimo crescimento da luz, como tínhamos fingido ser discípulos rebeldes, a princípio incompreendidos pelo nosso líder, Jesus, e depois saudados postumamente como heróis, como tínhamos feito justas a cavalo com postes das cercas (correndo a toda a brida, como cavaleiros, como o esquilo e o coelho de Ona), como nos tínhamos beijado, como havíamos lutado — a bibliotecária sugeriu que eu retornasse a Molotschna, ao lugar onde a vida tinha feito sentido para mim, ainda que brevemente, ainda que apenas num jogo imaginário na última luz do Sol poente, e que pedisse ao bispo (Peters, o mais novo, que tinha a mesma idade que a minha mãe) para me aceitar na colónia como membro. (Eu não disse à bibliotecária que isso também significaria pedir a Peters que me perdoasse os pecados dos meus pais, pecados que diziam respeito à posse de materiais intelectuais e à distribuição

e divulgação dos referidos materiais, embora fossem apenas livros de arte, fotografias de pinturas que o meu pai tinha encontrado no lixo, nas traseiras de uma escola da cidade, e embora ele fosse culpado apenas de compartilhar as imagens com outros membros da colónia, pois nem sabia ler o texto.) Ela também sugeriu que me oferecesse para ensinar inglês aos meninos de Molotschna, um idioma de que eles iriam precisar para fazer negócios fora da colónia. E disse que eu devia voltar a ser amigo da Ona Friesen.

Não tinha nada a perder. Levei estes conselhos a sério.

A bibliotecária pediu ao marido que me desse um emprego de motorista no seu serviço de limusines para o aeroporto e, embora eu não tivesse uma carta de condução válida, trabalhei para ele durante três meses, para ganhar dinheiro suficiente para comprar um bilhete para Molotschna. Durante este tempo, dormi no sótão de um albergue de juventude. À noite, quando sentia a cabeça prestes a explodir, obrigava-me a ficar deitado, tão imóvel quanto possível. Todas as noites, naquele albergue, enquanto estava imóvel na minha cama, fechava os olhos e ouvia notas abafadas de música de piano, acordes soturnos sem vozes a acompanhá-los.

Uma manhã, perguntei ao homem que fazia a limpeza do albergue, e que também lá dormia, se alguma vez tinha ouvido uma música de piano com acordes tristes durante a noite. Ele respondeu-me que não, nunca. Acabei por perceber que a música que eu ouvia à noite, quando parecia que tinha a cabeça prestes a explodir, era o hino «Tu És Fiel, Senhor» (*Great Is Thy Faithfulness*), e que o que eu estava a ouvir era o meu próprio funeral.

Peters, que usa as mesmas botas pretas altas que eram do pai, ou pelo menos umas idênticas, avaliou o meu pedido

de readmissão na colônia. Por fim, disse que permitiria que eu voltasse a entrar desde que renegasse os meus pais perante os anciãos (apesar de uma estar morta e o outro, desaparecido), me batizasse na igreja e concordasse em ensinar aos rapazes inglês básico e matemática simples em troca de acomodação (a já mencionada cabana) e três refeições por dia.

Eu disse a Peters que me batizaria e ensinaria os rapazes, mas que não renegaria os meus pais. Ele, nada satisfeito, mas desesperado para pôr os rapazes a aprender contabilidade, ou talvez porque a minha aparência o perturbasse, uma vez que eu era muito parecido com o meu pai, concordou.

Quando cheguei, na primavera de 2008, havia apenas murmúrios, fragmentos de murmúrios, sobre as misteriosas perturbações noturnas. Cornelius, um dos meus alunos, escreveu um poema chamado «O Estendal» no qual atribuiu vozes aos lençóis e às peças de roupa postas a secar no estendal da mãe, e as pôs a falarem umas com as outras, a enviarem mensagens para outras peças de roupa noutros estendais. Leu o poema à turma e todos os rapazes se riram. As casas ficam muito distantes umas das outras e não há luz elétrica em lado nenhum, seja dentro ou fora. À noite, as casas são pequenos túmulos.

Nessa tarde, no caminho de volta para a minha cabana, observei os estendais de Molotschna, vi os vestidos das mulheres a adejarem ao vento com os macacões dos homens, os lençóis, a roupa de cama e as toalhas. Escutei com atenção, mas não consegui entender o que eles diziam. Talvez, penso eu agora, porque eles não estavam a falar comigo. Estavam a falar uns com os outros.

No ano que se seguiu à minha chegada, as mulheres contaram sonhos que iam tendo, e por fim, à medida que as peças se iam encaixando, começaram a perceber que estavam a sonhar todas o mesmo sonho, e que não era sonho nenhum.

As mulheres das famílias Friesen e Loewen que se reuniram para o encontro de hoje representam três gerações de cada uma, e todas têm sido repetidamente vítimas dos ataques. Fiz alguns cálculos simples. Entre 2005 e 2009, mais de trezentas raparigas e mulheres de Molotschna foram drogadas e atacadas nas próprias camas. Em média, ocorreu um ataque a cada três ou quatro dias.

Por fim, Leisl Neustadter obrigou-se a ficar acordada noite após noite, até que apanhou um jovem a bisbilhotar à janela do seu quarto, com um borrifador de beladona numa mão. Leisl e a sua filha adulta lutaram com o homem até o atirarem ao chão e amarraram-no com o cordel da enfardadeira. Mais tarde, nessa manhã, Peters foi levado à casa delas para confrontar o jovem, Gerhard Schellenberg, e Gerhard indicara os nomes dos outros sete homens envolvidos nos ataques.

Quase todos os elementos femininos da Colónia de Molotschna foram violados por este grupo de oito, mas a maioria (à exceção das raparigas demasiado jovens para entenderem estes procedimentos, e das mulheres, lideradas por Janz da Cara Cortada, que já escolheram exercer a opção «Não Fazer Nada») marcou um X ao lado do seu nome, indicando assim que estão contentes (e muitas delas felicíssimas) por não comparecerem às reuniões para decidir como responder. Em vez disso, contribuirão para o bem-estar da colónia, cuidando das tarefas, que são múltiplas agora que os homens estão fora, e que, se abandonadas por

um dia que seja, resultarão num caos, em especial no que toca à ordenha e alimentação dos animais.

As mulheres mais jovens e despachadas das famílias Friesen e Loewen, Autje e Neitje, concordaram em fornecer às restantes mulheres da colónia relatórios verbais ao final do dia, quando todas estiverem de regresso às suas casas.

Agora, aguardo cá em cima, no palheiro do estábulo onde nos reunimos calmamente hoje de manhã, para fazer o que Ona me pediu.

Um grupo de mulheres sexualmente abusadas, ao longo de anos, numa remota comunidade religiosa, transforma-se, a pouco e pouco, numa força coletiva com voz própria, em busca do seu lugar no mundo.

Certa noite, oito mulheres menonitas reúnem-se num celeiro para um encontro secreto. Nos últimos anos, mais de uma centena de mulheres pertencentes à mesma comunidade foram repetidamente violadas durante a noite por «demónios» que as castigavam pelos seus pecados. A terrível verdade, contudo, é que os abusos eram perpetrados a partir de dentro, da sua própria colónia. Depois desta descoberta, decidem proteger-se, e às suas filhas, e pôr fim aos abusos.

Quando os homens se ausentam da colónia, estas mulheres, todas iletradas e incapazes sequer de falar a língua do país onde vivem, terão de fazer a escolha mais difícil: permanecer no único mundo que conhecem ou arriscar a fuga para o desconhecido e a liberdade.

Miriam Toews, baseando-se num episódio verídico, conta-nos uma história plena de aspereza e comoção: uma fortíssima experiência de superação e fraternidade, de combate pelo poder de decidir o próprio destino e de afirmação do lugar próprio das mulheres.






«Pleno de ironia e liberdade, um romance de ideias que reflete sobre a natureza do mal, o livre-arbítrio, a responsabilidade coletiva, o determinismo cultural e, acima de tudo, o perdão.»

New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897849626



9 789897 849626 >